



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - GUARABIRA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS NA EDUCAÇÃO  
BÁSICA**

**ANA PAULA DA SILVA PEREIRA**

**LITERATURA E FEMINISMO: INTRODUZINDO TEMAS TRANSVERSAIS  
ATRAVÉS DA HQ *ORGULHO E PRECONCEITO***

**GUARABIRA - PB  
2020**

ANA PAULA DA SILVA PEREIRA

**LITERATURA E FEMINISMO: INTRODUZINDO TEMAS TRANSVERSAIS  
ATRAVÉS DA HQ *ORGULHO E PRECONCEITO***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

**Área de concentração:** Ensino de Literatura de Língua Inglesa.

**Orientador:** Prof. Dr. José Vilian Manguera.

**GUARABIRA - PB  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P586l Pereira, Ana Paula da Silva.  
Literatura e feminismo [manuscrito] : introduzindo temas transversais através da HQ Orgulho e preconceito / Ana Paula da Silva Pereira. - 2020.  
41 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Monografia (Especialização em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Manguieira, Departamento de Letras - CH."  
1. Educação Básica. 2. Feminismo. 3. Literatura. I. Título  
21. ed. CDD 028

ANA PAULA DA SILVA PEREIRA

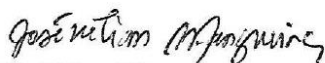
LITERATURA E FEMINISMO: INTRODUZINDO TEMAS TRANSVERSAIS  
ATRAVÉS DA HQ *ORGULHO E PRECONCEITO*

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 22/09/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. José Viliam Manguiera (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Caroline Estevam de Carvalho Pessoa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francisco Ronaldo da Silva Santos  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dedico este trabalho à minha família,  
especialmente à minha mãe, por todo seu suporte  
e dedicação.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O ENSINO DE LITERATURA DE LÍNGUA INGLESA.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>As problemáticas no ensino de literatura.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>Temas transversais.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UM RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>HQ <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i>: PROPOSTA PARA SALA DE AULA .....</b>	<b>22</b>
<b>4.1</b>	<b>A obra.....</b>	<b>22</b>
<b>4.2</b>	<b>Proposta.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
	<b>ANEXO A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>34</b>

## LITERATURA E FEMINISMO: INTRODUZINDO TEMAS TRANSVERSAIS ATRAVÉS DA HQ *ORGULHO E PRECONCEITO*

Ana Paula da Silva Pereira\*

### RESUMO

Este presente trabalho, com foco em literatura e letramento literário, tem como objetivo principal uma proposta de leitura para ser aplicada no Ensino Médio da Educação Básica. Para isto, escolhemos a obra *Orgulho e Preconceito* (1813), da famosa romancista Jane Austen em formato de História em Quadrinhos. O livro, escrito durante o Romantismo, se tornou um clássico literário e na obra podemos ver a escritora fazer várias críticas aos papéis impostos às mulheres durante o século XIX, mas que ainda possuem tons atuais. Posto isto, nós visamos trazer uma proposta que seja possível de aplicação em sala de aula, fazendo com que os alunos consigam se conectar com o universo literário, tendo uma aprendizagem e leitura efetiva. Assim sendo, como aporte teórico principal nós teremos os estudos de Rildo Cosson (2014) e Silva (2015), que trazem problematizações que nos fazem refletir acerca do processo de ensino de literatura atualmente. Além disso, falaremos como podemos fazer uso da literatura para trabalhar temas sociais e culturais, em especial gênero e sexualidade, usando os temas transversais, e como as Histórias em Quadrinhos podem ser usadas como ferramentas de ensino, conforme postulam Vergueiro (2016) e Xavier (2017). Por fim, propomos possibilidades de atividades utilizando a obra escolhida e as etapas de leitura do letramento.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Feminismo. Literatura.

### ABSTRACT

This present work, focusing on literature and literary literacy, it has, as main objective, a reading proposal to be applied in High School of Basic Education. For this, we chose the work *Pride and Prejudice* (1813), by the famous novelist Jane Austen in the format of Comics. The book, written during the Romanticism, became a literary classic and in the novel, we can see the writer making several criticisms of the roles imposed on women during the 19th century, but which still have current tones. That said, we aim to bring a proposal which can be applied in the classroom and make students able to connect with the literary universe, having an effective learning and reading. Therefore, as the main theoretical contribution, we will have the studies of Rildo Cosson (2014) and Silva (2015), that bring problematizations that make us reflect on the literature teaching process nowadays. In addition, we will talk about how we can make use of literature to work with social and cultural themes, specially gender and sexuality, using the Transversal Themes, and how comics can be used as teaching tools, according to Vergueiro (2016) and Xavier (2017). Finally, we propose possibilities of activities using the chosen work and literacy reading steps.

**Keywords:** Basic Education. Feminism. Literature.

---

\*Graduada em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III Guarabira. Atualmente estudante de pós-graduação do curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica, também na Universidade Estadual da Paraíba.

Email: [anapaula.897@hotmail.com](mailto:anapaula.897@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Visando trazer uma proposta de ensino e letramento literário que ajude professores da educação básica como suporte em suas aulas, nós organizamos esta sequência de aula com a obra *Orgulho e Preconceito* em formato de Histórias em Quadrinhos.

Nesta proposta de letramento, nós objetivamos destacar a importância do ensino de literatura de língua inglesa como forma de educar adolescentes para se tornarem seres críticos e íntegros, sabendo que nessa idade (adolescência) é a época em que eles estão em fase de construção social, ou seja, eles estão procurando formar uma identidade própria. Assim, ao abordar certas problemáticas, nós podemos ajudar na compreensão de mundo e na formação social e cultural dos mesmos, visto que “essa noção da leitura como ato de posicionamento político diante do mundo precisa estar presente na prática de sala de aula. Os alunos deveriam ser capazes de “experienciar” o ato de ler como uma ação cultural” (SILVA, 2015, p. 2). Sabendo da influência da língua inglesa como ferramenta da globalização, através dela e do ensino literário, nós podemos ajudar numa formação ética e pluralizada.

Diante do que foi dito, o presente trabalho vem como uma proposta de letramento literário para o ensino médio, mas também podendo ser aplicada nos anos finais do ensino fundamental. Assim sendo, a proposta tem como objetivo trazer uma problemática aos alunos dos papéis impostos às mulheres na Era Vitoriana através do ensino da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen em formato de Histórias em Quadrinhos. Através dela, nós visamos ensiná-los sobre o período da Era Vitoriana e introduzi-los em uma cultura diferente; fazer com que os alunos reflitam e desenvolvam posicionamento crítico sobre o texto; aprendam sobre as diferenças e os valores ideológicos e culturais presentes, as evoluções que ocorreram na sociedade acerca do casamento, da família e das regras impostas às mulheres.

Primeiramente, iremos falar sobre como se dá o processo de ensino da literatura de língua inglesa na educação básica e quais as dificuldades que professores encontram durante o processo de letramento literário. Ainda, falaremos dos temas transversais como forma de ensino de questões socioculturais. Além disso, abordaremos um pouco da história do surgimento das Histórias em Quadrinhos e como ela pode ser utilizada como ferramenta pedagógica. Por fim, traremos uma proposta de letramento literário com a obra escolhida.



## **2 O ENSINO DE LITERATURA DE LÍNGUA INGLESA**

A seguir, apresentaremos uma breve discussão sobre algumas problemáticas que cercam a educação básica, sobretudo no que se diz o ensino de literatura nas escolas e suas dificuldades, tratando em especial a literatura de língua inglesa. Em seguida abordaremos os Temas Transversais e como podemos usar de tais recursos para abordar certas temáticas.

### **2.1 As problemáticas no ensino de literatura**

Muito tem sido discutido pelas correntes teóricas sobre o ensino de línguas e literatura; sobretudo uma Língua Estrangeira. Com o passar dos anos, diversas coisas mudaram acerca do ensino de línguas estrangeiras no Brasil; antigamente, “por influência cultural francesa o francês era preponderante nas escolas brasileiras” (DAY, 2012, p. 2); no entanto, com o avanço da globalização e das novas tecnologias, o inglês tomou esse espaço, então, “assim é hoje, vez que por influência do poder político e econômico americano, bem como das políticas dos grandes mercados temos, por extensão, a presença hegemônica da língua inglesa” (DAY, 2012, p. 2). Pensando nisso, iremos falar um pouco sobre as problemáticas que cercam a educação no que diz respeito ao ensino de literatura e como afeta também a disciplina de Língua Inglesa.

É do nosso conhecimento que a educação básica sofre constantes ataques por partes daqueles que não dão o devido valor, assim também é com a literatura, que é vista como algo que não tem tanta importância na grade curricular dos alunos, para esses, “a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas [...] Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice” (COSSON, 2014, p. 10). Diante disto, lembremos de uma situação comum que acontece em diversas escolas, como o fato de muitas vezes a literatura ser usada apenas como reforço para outras habilidades; vemos que ela sofre “um processo de escolarização, no qual o artificialismo revela-se de modo recorrente por meio de atividades, exercícios escolares isolados, sem que o aluno perceba a leitura como ação cultural historicamente constituída” (SILVA, 2015, p. 2). Tomemos, por exemplo, a disciplina de Língua Portuguesa: é corriqueiro vermos o ensino do saber literário nesse componente curricular através de livros canônicos de forma engessada, tão somente como uso para ensinar outras competências, como escolas literárias, estilos e períodos históricos, como aponta Rildo Cosson, teórico que

defende o ensino de literatura de forma eficaz e prazerosa através do letramento literário. Vejamos o que ele afirma sobre o ensino de literatura no ensino médio:

No ensino médio, o ensino de literatura limita-se a literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânones e dados biográficos dos autores, acompanhado de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeadas (COSSON, 2014, p. 21).

Portanto, ao ocorrer isto, fazemos com que os alunos percam o interesse no saber literário e assemelhem a literatura apenas como ferramenta de aprendizagem e não como algo agradável e instigante. Contudo, partindo dos pressupostos do letramento literário, a problemática não se encontra no ensino de literatura, mas na forma como vem sendo exercida na nossa educação básica, parece que “essas discussões teóricas geralmente perdem-se na prática de sala de aula, havendo mais desencontros que encontros a respeito das conexões entre leitura, literatura e escola” (SILVA, 2015, p. 1). Segundo Magda Soares (2009), não há como evitarmos de a literatura ser utilizada como ferramenta de escolarização, já que ela faz parte do ensino da escola; todavia, temos que reavaliar os métodos que estão sendo postos em prática nas escolas. Desse modo, a teórica faz uma crítica acerca da questão:

O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desvirtua-o, desvirtua-o, falseia-o (SOARES, 2009, p. 22).

Assim sendo, se na disciplina de Língua Portuguesa a literatura é posta à parte, no componente curricular da Língua Inglesa seus problemas podem ser ainda maiores, uma vez que diversas problemáticas cercam o ensino de uma língua estrangeira, como desigualdades sociais e econômicas que separam os alunos ao acesso a uma educação de qualidade.

Na educação básica, sobretudo, “o ensino de língua, na escola, seja Língua Portuguesa, ou Língua Estrangeira, apresenta semelhanças, pois acontece a partir do estudo de aspectos estruturais da língua” (ANJOS, 2014, p. 2), ou seja, o estudo gramático e linguístico, como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ao dizer que “o foco do aprendizado deve centrar-se na função comunicativa por excelência, visando prioritariamente

a leitura e a compreensão de textos verbais orais e escritos” (BRASIL, 2000, p. 93). Não obstante, esta forma de ensino vem gerando diversos debates sobre sua eficácia no que diz respeito à aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que “os roteiros direcionam o processo de ensino e de aprendizagem de Língua Inglesa (LI) a um único modo de conceber a língua, por meio de atividades de tradução e produção textual, exercícios de gramática e interpretação, em tese, regidos por regras específicas” (ANJOS, 2014, p. 3). Este modelo acaba por moldar a aprendizagem do aluno.

Ademais, o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, seja espanhol ou inglês, gera vários questionamentos nos estudantes. Assim, facilmente professores podem ouvi-los queixando-se sobre o porquê de eles terem que aprender uma nova língua. Frases como “inglês é chato”, “eu nunca vou sair do Brasil”, entre outras, são corriqueiras na sala de aula, fato que pode interferir no ensino, visto que os professores, muitas vezes, podem se sentir desestimulados diante da realidade e contexto escolar. Diante disto, a inserção de literatura neste componente curricular pode ser árdua, mas embora seja um desafio, “é preciso que as discussões teóricas não se percam no vazio, mas que apresentem contribuições significativas para propostas metodológicas sobre o tratamento do texto literário em sala de aula” (SILVA, 2015, p. 9). Atualmente, observa-se que, com a pressão de seguir o currículo e o calendário escolar determinado pelos órgãos competentes, o profissional de língua inglesa, que tem uma carga horária reduzida em comparação às outras disciplinas, acaba por deixar a literatura à parte. Desse modo, seja por consequência do tempo, desinteresse dos alunos ou realidade do ensino, a literatura na sala de aula de Língua Inglesa acaba sendo esquecida.

Ainda segundo Cosson (2014, p. 20), “Para muitos professores e estudiosos da área de letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inercia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX, que já não tem razão de ser no século XXI”. Como vemos, existem várias problemáticas acerca do ensino de literatura, não costumamos vê-la na sala de aula por uso satisfatório, mas como atividades extraclasse ou modelo de escrita, como já apontamos. Mas o que fazer? Qual a solução? Cosson (2014) traz algumas práticas e sequências de atividades que professores podem testar. O teórico explica que devemos fazer uma leitura efetiva dos textos literários, fazer deles o centro das práticas de leitura e não apenas ferramenta de informações para outras disciplinas, devemos fazer com que “a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer” (COSSON, 2014, p. 23).

Ao propor a leitura de textos literários precisamos ter em mente que não basta apenas ler o texto, muito pelo contrário, necessitamos ir além. Temos que ensinar aos alunos um

letramento literário efetivo, onde eles consigam aprender mecanismos de interpretação necessários para ter uma leitura efetiva dentro e fora da escola. Segundo Cosson (2014, p. 29), é dever do educador “explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno a literatura seja uma busca plena de sentido”.

Por fim, professores parecem esquecer que “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2014, p. 20). Em vista disto, através da literatura, um aluno pode se inserir em uma cultura totalmente diferente da que ele está acostumado, esta pode ser uma abordagem de estudo de grande valor para o ensino de uma língua estrangeira, podemos usar a literatura como forma de aprendizagem e compreensão do mundo, dado que “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre homens no tempo e espaço” (COSSON, 2014, p. 27). No entanto, vemos que “a leitura — como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido — ainda é uma prática que precisa ser mais efetivada no espaço escolar” (SILVA, 2015, p. 2). Assim sendo, no decorrer deste trabalho iremos mostrar propostas de como podemos usar a literatura de forma eficaz e prazerosa através do letramento literário usando o objeto de estudo desta pesquisa.

## **2.2 Temas transversais**

Ao escolhermos um livro, vários fatores nos motivam, “o ato de ler é influenciado por estratégias cognitivas, lingüísticas, metalingüísticas, conhecimento do policódigo literário, noção de gênero literário e estilo de época no qual o texto está inserido” (SILVA, 2015, p. 1). Em relação à escola, essa escolha tem várias razões, “o primeiro diz respeito aos ditames, dos programas que determinam a seleção dos textos de acordo com os fins educacionais” (COSSON, 2014, p. 32), que muitas vezes são os textos clássicos da literatura, visando o interesse de mostrar os aspectos de uma determinada época, “com o objetivo de, à primeira vista, “facilitar” o contato do aluno com obras canônicas” (SILVA, 2015, p. 4). Não obstante, com o passar dos anos esse peso da tradição dada ao professor de ensinar livros do cânone vem decaindo gradualmente devido a debates gerados. Como explicita Cosson (2014), correntes teórico-críticas expuseram as diversas problemáticas que esses livros guardam,

como preconceito de gênero, classe, etnia, etc. No entanto, “não estamos querendo questionar a importância da leitura dos clássicos, mas sim o modo como esses textos são impostos para os alunos no espaço escolar” (SILVA, 2015, p. 4). Diante disto, ao escolher um livro para trabalhar em sala, o professor deve tentar juntar os critérios necessários para escolha da obra, não ignorando a importância do cânone, mas também trabalhando com a atualidade. Levando em conta este critério, para nosso trabalho aqui, escolhemos a obra *Orgulho e Preconceito* que, mesmo sendo um livro clássico, é também uma obra que aborda várias temáticas que tem tons atuais.

Nos dias de hoje, podemos trazer obras com discussões mais recentes, nas quais podemos abordar os temas transversais. Os temas transversais foram construídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e compõe seis áreas: ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural e trabalho e consumo. Mesmo não sendo competências, que segundo Perrenoud (1999, p. 30) “é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”, estes são temas de extrema relevância na formação do ser humano e devem ser abordados na sala de aula, uma vez que “os alunos devem ser estimulados a pensar de forma interdisciplinar e globalmente” (PCNEM, 2000, p. 88). Os documentos curriculares apontam que:

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BRASIL, 2019, p. 12).

Ademais, sabendo que os PCNs é um documento criado em 1997 e que muito tem mudado na educação nos últimos 20 anos, o MEC, após um grande processo de criação e visando buscar melhorias e o pleno desenvolvimento da educação, elaborou a Base Nacional Comum Curricular:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2019, p. 7).

A Base Nacional Comum Curricular foi homologada pelo MEC em 2017 e todas as escolas têm obrigação de implementá-la até o final de 2019; porém, embora seja um documento de referência nacional que visa conduzir e ajudar os professores e escolas durante o processo de ensino-aprendizagem, a BNCC não é um currículo pronto, cada escola e cada profissional tem a liberdade de criação de um currículo diverso durante o desenvolvimento do processo pedagógico, desde que esteja de acordo com as diretrizes, competências e objetivos da BNCC para educação básica nacional. E, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais, do mesmo modo a BNCC traz os temas transversais, chamando-os de Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), que, segundo o documento, têm como objetivos:

Contextualização do que é ensinado, trazendo temas que sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão. O grande objetivo é que o estudante não termine sua educação formal tendo visto apenas conteúdos abstratos e descontextualizados, mas que também reconheça e aprenda sobre os temas que são relevantes para sua atuação na sociedade (BRASIL, 2019, p. 7).

Em visão disto, os profissionais da educação podem seguir as orientações dos dois documentos para abordar as temáticas e “criar situações que facilitem tomadas de consciência, construção de valores e de uma identidade moral e cívica” (SILVA, 2015, p. 33). Em relação ao ensino de uma língua estrangeira, os PCNs da Língua Inglesa dizem que “a aprendizagem de Língua Estrangeira oferece acesso a como são construídos os temas propostos como transversais em práticas discursivas de outras sociedades” (BRASIL, 1998, p. 43). É dever do profissional, principalmente de Língua Inglesa, entender a importância da aprendizagem desta língua tendo em vista a influência da mesma na globalização e levar essas informações em forma de competência, tal como a contextualização sociocultural, para sala de aula, visto que “apropriar-se do conhecimento por meio do aprendizado das línguas estrangeiras modernas permite que o aluno faça uma análise mais acurada do seu contexto social, ao compará-lo com outras culturas e visões de mundo” (BRASIL, 2000, p. 103).

Diante disto, a Língua Inglesa passou a ser uma importante ferramenta para interação social dos alunos com outras culturas, contextos sociais e períodos históricos. Podemos também utilizar da interdisciplinaridade para tal, já que através deste componente curricular podemos trabalhar História, Geografia, Arte, entre outras disciplinas. Os PCNs afirmam que “o estudo da língua estrangeira permite a reflexão sobre o idioma e a cultura como bens de cidadania, além de contribuir para a eliminação de estereótipos e preconceitos” (BRASIL,

2000, p. 98), o que casa com o que é proposto pelos temas transversais. Ao trabalharmos os temas transversais, os estudantes podem, através de uma análise comparativa, observar “como questões particulares são tratadas no Brasil e nos países onde as línguas estrangeiras são faladas como língua materna e/ou língua oficial” (BRASIL, 1998, p. 44), ao fazer isso, os alunos podem perceber as diversidades resultantes de características específicas de épocas, lugares e visões de mundo.

Assim sendo, como uma das ferramentas da língua estrangeira e dos temas transversais, nós podemos utilizar a literatura. Esta que é uma porta para abordar e trabalhar diversos temas. Através da literatura, nós podemos levar para os alunos questionamentos e fazê-los emitir juízo crítico sobre o mundo, melhorando a interação e construção social dos mesmos. A literatura, como dito no início do nosso trabalho, é mais do que um objeto pedagógico, mas também um produto cultural da nossa sociedade, e “esse conhecimento deve ser encarado não só como produto da ação humana, mas também como instrumento de análise, transformação e criação de uma realidade concreta” (PCNEM, 2000, p. 43). As seis áreas que fazem parte dos temas transversais “abrem as portas da escola para que manifestações culturais até então rejeitadas como menores transformem-se também em objeto de estudo – inserção essa que estimula ainda a auto inclusão consciente do aluno como produtor de cultura” (BRASIL, 2000, p. 57).

Contudo, como trabalhar os temas transversais na sala de aula? É do nosso conhecimento que muitos dos livros lidos pelos alunos durante seu histórico escolar são obras canônicas da língua portuguesa, como afirma Silva (2015), ao dizer que há uma elitização das obras literárias, supervalorizando o cânone literário, mas quais são os enredos de tais? Alguns desses livros nos mostram padrões de sociedade e estereótipos que aos poucos foram e continuam sendo quebrados. Algumas dessas obras contribuem para mostrar aos estudantes as diferenças de gêneros de forma naturalizada, uma vez que “os indivíduos aprendem desde muito cedo a ocupar e/ou reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refundadas e naturalizadas” (LOURO p. 24, 2013).

Portanto, com as áreas dos temas transversais podemos trabalhar essas problemáticas na sala de aula e diversas outras usando a literatura como ferramenta. Por exemplo, com o tema proposto de ética e orientação sexual os professores são capazes de abordar as problemáticas de gêneros e o respeito mútuo, como é o caso do objeto de estudo deste trabalho, no qual, se trabalhado em sala de aula, possibilita abordar questionamentos como o

papel escolhido para as mulheres na sociedade, o casamento, a evolução até os tempos modernos, tal como a importância do feminismo para tais mudanças. Tudo isso pode ser feito sempre de acordo com as competências dos documentos curriculares e áreas dos temas transversais. Desse modo, qualquer obra pode ser escolhida a partir dos objetivos do professor, mas não esquecendo que os temas levados para a sala de aula devem ter relação com o universo de interesses dos alunos, para assim melhorar os resultados.

Por fim, devemos refletir como profissionais da educação podem contribuir, diante do espaço escolar, para quebrar padrões que são socialmente e culturalmente construídos e ajudar numa formação ética e pluralizada dos estudantes, visto que a escola muitas vezes molda os alunos, podendo se tornar um lugar que não abriga a todos da mesma forma. Tais processos de formação passam despercebidos e tornam-se naturais já que estão impostos e são mecanismos discretos. É preciso que “sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar” (LOURO, 2014, p. 63). Desta maneira, através do ambiente escolar juntamente com os temas transversais podemos contribuir para quebrar essas divisões que separam sujeitos por raça, classe social, gênero e sexualidade. Podemos construir uma escola inclusiva e igualitária para todos.

No próximo capítulo, iremos falar um pouco sobre a história das Histórias em Quadrinhos e como elas podem ser usadas como ferramentas para o ensino de literatura na sala de aula.



### **3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UM RECURSO PEDAGÓGICO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Desde o período pré-histórico temos registros da necessidade do homem em se comunicar e contar histórias. Na Antiguidade, esse registro se deu através de desenhos com traços característicos, feitos em cavernas ou em pedras. Estas pinturas rupestres em sua maioria registravam a luta do homem pela sobrevivência, e as ameaças em um meio primitivo e hostil, como conflitos contra animais selvagens, etc. Muitos desses desenhos seguiam uma sequência narrativa, ou seja, uma história por trás das imagens, o que muito se assemelha às Histórias em Quadrinhos que conhecemos hoje em dia, como Vergueiro (2016) aponta:

De certa forma, pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica. O homem primitivo, por exemplo, transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos [...] Bastaria, então, enquadrá-las para se obter algo muito semelhante ao que modernamente se conhece como história em quadrinhos (VERGUEIRO, 2016, p. 8-9).

Através da imagem, uma linguagem não verbal, eles conseguiram atender às necessidades de expressão daquela época. Em decorrência disto, então, estes desenhos se tornaram o registro mais antigo de comunicação da sociedade. Desse modo, conforme a evolução dos povos, o uso da imagem como forma de interação social perdurou até os dias atuais, quando podemos vê-la em diversas formas, seja em fotografias, pinturas, desenhos, etc. Não obstante, a origem do que hoje conhecemos por Histórias em Quadrinhos ou gibis, começaram a aparecer no século XIX nos Estados Unidos e também na Europa:

Ainda que histórias ou narrativas gráficas, contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas, paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu (VERGUEIRO, 2016, p. 10).

No início, essas histórias eram publicadas em jornais; os grandes proprietários das folhas de notícias, em busca de atrair um público maior, “criaram os suplementos dominicais

com o intuito de atraírem os semialfabetizados e os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês; grande parte deste material era formada por narrativas figuradas” (XAVIER, 2017, p. 4). Portanto, não demorou para que essa estratégia alavancasse as vendas dos jornais, tornando as Histórias em Quadrinhos um grande fenômeno entre os leitores naquela época. Posto isto, assim como o cinema, ao longo das décadas, o gênero se tornou um meio de expressão cultural com diversos fãs no mundo inteiro, surgindo, então, uma variedade de novos modelos como Cartum, Charge, HQs, Tirinhas, Graphic Novels, Manguá, etc., cada um com diferentes particularidades que formam um gênero maior: as Histórias em Quadrinhos. Vergueiro explica alguns modelos:

Gibis - normalmente destinados ao público infantil e juvenil, com baixo preço e pouca durabilidade; álbuns e edições encadernadas - publicados em edições únicas, com um custo mais alto; *Graphic novels*, maxi e minisséries - semelhantes aos álbuns e às edições encadernadas, que buscam dar um tratamento diferenciado aos personagens; quadrinhos em jornais - o berço das HQ, que continuam até os dias atuais; fanzines - feitas por aficionados, colecionadores ou artistas iniciantes; publicações variadas - quadrinhos usados em publicidade, propaganda política, livros didáticos, entre outros (VERGUEIRO, 2016, p. 45).

Como maioria dos modelos, as Histórias em Quadrinhos “são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita” (LUYTEN, 1987, p. 11), a linguagem escrita é apresentada para nós dentro do que chamamos balões, representando a fala, pensamento ou estado emocional dos personagens. O intuito do balão é juntar a imagem à palavra, tendo diferentes tipos, como balão-fala, balão-pensamento, balão-berro, entre outros. Somando a imagem à palavra, “o potencial comunicativo de ambas é ainda ampliado, podendo uma reforçar o que diz a outra, dizer o que a outra não diz, ou mesmo desdizer o que é dito pela outra, criando diferentes efeitos de sentido” (XAVIER, 2017, p. 1). Não necessariamente os quadrinhos devem ter uma linguagem verbal, muitas vezes a própria sequência de imagem, com gestos e expressões faciais, já é suficiente para entendimento do leitor.

A princípio, as Histórias em Quadrinhos possuíam essencialmente um teor humorístico, com intuito de divertir os leitores, e, em vista disto, elas receberam o nome de *Comics*, termo designado na língua inglesa para tratar do gênero. No entanto, ao longo da sua popularização, outros gêneros foram surgindo, “na década de 1930, considerada a “idade de ouro” dos quadrinhos, foi quando surgiram as histórias policiais, de ficção científica, de guerra de cavalaria, de faroeste, etc.” (XAVIER, 2017, p. 4). Surge, assim, as famosas HQs de

super-heróis como Batman, The Flash e Super-man. “Na década de 1940, com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, proliferaram os heróis de quadrinhos com superpoderes que, mesmo na ficção, também se engajavam nos combates” (XAVIER, 2017, p. 5). Em resultado disso, deu-se sequência na criação de outros heróis, como Mulher Maravilha, Capitão América, entre outros que simbolizavam o poder americano. Estes heróis viriam a ser, posteriormente, um grande fenômeno mundial, tornando editoras, como DC e Marvel comics, em poderosas companhias no ramo.

No Brasil, este fenômeno artístico não foi diferente, se tornou uma febre. Por esse motivo, começaram a surgir Histórias em Quadrinhos nacionais; um dos primeiros personagens do país a ter êxito foi *O Pererê*, criado em 1960 por Ziraldo. O autor “teve a capacidade de aglutinar toda uma tradição brasileira, resgatando temas do cotidiano e do folclore, cuja figura central é o Saci, personagem típico do folclore nacional” (LUYTEN, 1987, p. 77). Posteriormente, uma grande representação da cena nacional foram os gibis da *Turma da Mônica*, criada por Maurício de Souza. O sucesso foi tão grande que resultou em tornar o escritor um dos grandes nomes da área no Brasil e o gibi um dos mais vendidos. Assim, o autor “conseguiu, realmente, o que nenhum dos outros desenhistas nacionais sequer poderiam sonhar: êxito no Brasil e fama mundial” (LUYTEN, 1987, p. 78).

A *Turma da Mônica* segue bastante popular até os dias atuais, inclusive sendo utilizada como forma de alfabetização infanto-juvenil nas escolas, mas também sendo apreciada pelo público de várias idades. A variedade de Histórias em Quadrinhos, hoje em dia, no Brasil conquistou um público grande e diverso, especialmente, em relação à faixa etária, tornando-se fonte de entretenimento, mas também de educação para uma gama de pessoas no país.

Mesmo que de início rolassem um certo preconceito com relação ao gênero, visto que antes “eram considerados uma subarte, uma subliteratura” (LUYTEN, 1984, p. 8), como o passar do tempo, esta forma de arte foi ganhando o devido destaque, seja no mundo acadêmico ou nas escolas. As HQs passaram a ser vistas muito além de um passatempo, e, em resultado disto, assim como aconteceu no cinema, muitas obras canônicas da literatura foram adaptadas em formato de Histórias em Quadrinhos, como estratégia de incentivar a leitura. Um exemplo, é a obra *Orgulho e Preconceito*, livro clássico escrito no século XIX pela romancista Jane Austen, e que por seu grande sucesso foi adaptado para diversos formatos, como cinema, teatro e da mesma forma para Histórias em Quadrinhos, que também ganhou uma tradução para a língua portuguesa.

Quanto aos livros de literatura brasileira, não foi diferente, igualmente tivemos adaptações, clássicos como *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, entre outros, podem ser encontrados neste formato. Este método de adaptar livros literários em história em quadrinhos é, também, um dos diferentes formatos do gênero. Esta técnica se chama Literatura em Quadrinhos, que, segundo Cirne (1990, p. 31), “implica uma série de questões ligadas à intersemiotividade das propostas semânticas, estéticas, informacionais”. O texto assume as características de outro.

Assim sendo, com as HQs ganhando cada vez mais popularidade e notoriedade, não foi diferente no sistema de ensino. Dessa forma, “as histórias em quadrinhos ganharam espaço também dentro na educação formal, já que tais diretrizes pedagógicas passaram a privilegiar um ensino de língua que trabalha com a mais variada gama de gêneros discursivos” (XAVIER, 2017, p. 2). Segundo Vergueiro, “no Brasil, o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)” (VERGUEIRO, 2006, p. 21), ou seja, os documentos curriculares e o governo passaram a inserir este formato no sistema de educação.

Com isso, cada vez mais as Histórias em Quadrinhos foram e estão sendo usadas como ferramenta metodológica, seja de ensino-aprendizagem ou/e avaliação. Podemos vê-la sendo aplicadas em diferentes provas e formatos do ensino, uma vez que, “como um meio de comunicação em massa, as histórias em quadrinhos proporcionam ao seu leitor a informação, o entretenimento e até mesmo orientações sobre os mais variados e diversos assuntos” (SILVA, 2015, p. 14). Uma das grandes ferramentas deste recurso pedagógico, é que “as histórias em quadrinhos, em seus diferentes gêneros, oferecem possibilidades diversas de aplicações no universo escolar, em todos os níveis” (VERGUEIRO, 2006, p. 7).

Assim, mesmo que o uso desta ferramenta sempre traga resultados empolgantes para o profissional da educação, visto que, segundo Adriana Fogaça (2003), a narrativa e enredo dos quadrinhos empolga os leitores, por não promover o cansaço e o tédio, como pode ocorrer em leituras mais densas. Durante o uso das Histórias Em Quadrinhos como recurso nas aulas, os professores devem atentar-se para não desviar o propósito do ensino. Por ser um texto multifacetado, os alunos tendem a vê-lo apenas como uma leitura de diversão e passatempo, não focando nos detalhes propostos, como aponta Vergueiro:

Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panaceia que atende todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve-se

buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica, etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes. (VERGUEIRO, 2016, p. 27).

Ainda segundo Vergueiro e Ramos (2009, p. 7), “o desafio é saber olhar os quadrinhos como um recurso pedagógico, se isso for feito, o profissional da área vai se surpreender com a enorme gama de recursos e contribuições que a linguagem e suas obras podem trazer à realidade escolar”. Utilizando-se desse gênero aliado à criatividade dos professores no planejamento de suas aulas, há um mar de possibilidades de ensino e aprendizagem que o profissional pode e deve se valer. Dessa forma, ao selecionar o material que será utilizado em sala de aula, “devem-se levar em conta os objetivos educacionais que se deseja alcançar, identificando os materiais mais adequados com relação à temática, à linguagem utilizada e à idade das crianças (VERGUEIRO, 2006, p. 24). Igualmente, é de extrema relevância que o professor saiba usar a ferramenta adequadamente, como explica Vergueiro:

Na utilização de quadrinhos no ensino, é muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos; e, enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis (VERGUEIRO, 2009, p. 29).

Para o teórico, as HQs são uma forma de arte diversificada, que, por possuírem diferentes tipos de linguagem, verbal e não verbal, têm o poder de fazer o leitor se conectar com a leitura e adquirir uma melhor interpretação. Este gênero faz com que o professor obtenha bons resultados na sala de aula e contribui para formar leitores competentes, com gosto pela leitura. Devemos deixar criar uma ligação entre o estudante leitor e a obra escolhida, para que, assim, ele possa ser envolvido e possa enxergar o gênero como forma de informação, mas, também, de divertimento. Por fim, os quadrinhos continuam a atrair uma enorme quantidade de fãs no mundo inteiro e, assim como a sociedade continua evoluindo, temos que nos adaptar às novas tecnologias nas práticas diárias dentro da sala de aula.

Ademais, no próximo tópico iremos dar algumas sugestões de sequências didáticas que podem ser aplicadas com a obra e o gênero escolhido na sala de aula.

## 4 HQ ORGULHO E PRECONCEITO: PROPOSTA PARA SALA DE AULA

Analisaremos agora a obra em formato de Histórias em Quadrinhos como suporte de ensino-aprendizagem para as aulas de Língua Inglesa, que pode tratar sobre diferentes temáticas e oferecer uma variedade de conhecimentos viáveis de serem discutidos em sala de aula. Diante disso, a partir dela podemos abordar e trabalhar com os alunos sobre vários questionamentos e reflexões acerca dos papéis impostos às mulheres na sociedade.

A aplicação da proposta pode ser realizada em qualquer escola que ofereça o ensino médio e/ou o ensino fundamental da educação básica, seja ela pública ou particular. Para a escolha da turma para aplicação do trabalho, nós devemos levar em conta alguns pontos, como a avaliação do nível de leitura dos alunos, o interesse deles pela leitura e o conhecimento prévio dos alunos, para assim adaptar a pesquisa ao nível deles e fazer com que se tenha a melhor obtenção de resultados.

### 4.1 A obra

A escolha da obra se deu por ser um livro com uma narrativa romântica, tema bastante consumido pelos jovens nos dias atuais, considerando a média de idade (14-18 anos) dos alunos. Embora *Orgulho e Preconceito* seja uma obra de caráter romântico e considerada clichê por uns, o livro se tornou um clássico da literatura de língua inglesa, por ser um exemplar a frente do seu tempo, abordando temas como o casamento e fazendo críticas aos papéis impostos às mulheres. Desse modo, o texto demonstra tratar de assuntos ainda atuais. O livro foi escrito pela renomada e aclamada escritora Jane Austen, considerada uma das grandes romancistas da literatura de língua inglesa.

A trama do livro gira em torno da família de classe média Bennet, que conta com cinco filhas, a mãe e o patriarca. A história apresenta as irmãs Bennet: Jane, Mary, Kitty, Elizabeth e Lydia, que passam boa parte da narrativa à procura de um noivo bem estruturado para um casamento. A mãe, Mrs. Bennet, é uma mulher desesperada que, por ter cinco filhas, passa a narrativa ensinando e instruindo boas maneiras e indicando formas de as filhas arranjam um marido.

No entanto, na história nos é apresentada uma personagem que quebra com todos os padrões das outras irmãs: Elizabeth Bennet. Ela é uma heroína à frente do seu tempo, que não

enxerga o casamento como uma obrigação para a mulher, assim desesperando sua mãe, posto que, para uma mulher ser bem-sucedida e ter ascensão na sociedade inglesa durante o século XIX, ela precisava casar e se tornar mãe. Essa construção patriarcal para o feminino é explicada por Virginia Woolf, quando ela afirma que, “em primeiro lugar, ganhar dinheiro era impossível para elas [as mulheres], e, em segundo, se isso tivesse sido possível, a lei lhes negaria o direito de possuir o dinheiro ganho” (WOOLF, 2014, p. 37). Fugindo ao construto patriarcal, Elizabeth é uma mulher subversiva, de espírito aventureiro, que não se encaixa nos padrões tradicionalista da época e não se comporta como seria o esperado para as mulheres de seu contexto. Ela vem quebrando os estereótipos de heroínas que eram postos nos livros do contexto do Romantismo, já que ela não é uma mulher submissa que espera por um marido e/ou romance. Ela é livre e não se deixa influenciar pelos preceitos patriarcais de sua sociedade.

Contudo, ao mesmo tempo em que a história nos mostra Elizabeth como mulher independente que vive sem ter o casamento como objetivo de vida, também nos é mostrado Jane Bennet, o perfil de uma mulher ideal romântica, que busca um homem para ser o amor de sua vida e tem no casamento o sentido de felicidade. Como era o esperado nessa construção clássica das mulheres da época, Jane encontra um homem bem sucedido em quem ela deposita toda sua paixão: Mr. Bingley. A partir deste ponto, a vida da família Bennet tem uma grande reviravolta. Juntamente com Mr. Bingley, nos é apresentado seu amigo, Mr. Darcy. O pretendente de Jane esbanja simpatia; mas, Mr. Darcy, pelo contrário, aparenta desprezo e frieza pela comunidade local, incluindo Elizabeth Bennet, que logo nutre o mesmo sentimento por ele.

Ao longo da narrativa, nós vemos o iniciar do relacionamento de Jane e Mr. Bingley e o desenrolar da relação entre Elizabeth e Mr. Darcy, que é nutrida por orgulho e preconceito. Nós vemos os personagens principais perderem estes sentimentos de aversão até desenvolverem uma relação genuína de amor durante o decorrer do livro.

Nessa obra, Jane Austen nos mostra vários tipos de relações românticas, desde casamentos arranjados e sem sentimentos até casamentos com amor. Abordando vários tipos de personagens femininas e relacionamentos afetivos. Por essa e outras razões, a obra *Orgulho e Preconceito*, ao longo dos anos, vem sendo adaptada em diversos formatos: cinema, teatro, televisão, e agora também em Histórias em Quadrinhos.

A obra em Histórias em Quadrinhos, que procura manter o que é apresentado no romance, é sobretudo uma versão ilustrada de tudo que acontece na trama, trazendo

momentos importantes e cenas memoráveis da narrativa. No Brasil, a obra em formato de HQ foi adaptada pela Editora Nemo, que foi assinada por Ian Edginton, ilustrada por Robert Deas e com tradução de Fernando Variani e Gregório Bert. Abaixo vemos a capa da adaptação:

Figura 1 – Capa da HQ Orgulho e preconceito



fonte: autor (2020)

A partir deste momento, vamos passar para o processo de leitura da obra. No entanto, antes desse passo, devemos nos atentar a alguns fatos para garantir que os alunos irão ter uma leitura efetiva do livro. Como dito anteriormente, antes de escolher a obra, devemos avaliar o nível de leitura e o conhecimento da classe, para que assim possamos identificar possíveis dificuldades de leitura. Elas “estão ligadas aos problemas da extração, ou seja, a ausência de habilidade do leitor em decifrar letras e palavras que o impede de passar de um nível a outro ou ao grau de transparência do texto” (COSSON, 2014, p. 39). Devemos ter certeza que os alunos estão tendo o domínio da leitura, já que “ler é bem mais do que seguir uma linha de



letras e palavras. Também não se restringe a uma decodificação, nem depende apenas do texto” (COSSON, 2014, p. 39). Nós iremos guiá-los no processo de leitura, mas é o leitor “que elabora e testa hipóteses sobre o que está no texto. É ele que cria estratégias para dizer o texto com base naquilo que já sabe sobre o texto e o mundo. Por isso, a leitura depende mais daquilo que o leitor está interessado em buscar” (COSSON, 2014, p. 39).

Um dos problemas de leitura que professores podem encontrar no dia-a-dia escolar é o fato de alguns alunos lerem, mas não conseguirem analisar o que acabou de ser lido, ou seja, eles não desenvolvem a compreensão do texto, e “o domínio do código é a condição básica para a efetivação da leitura, já que feita a decodificação o leitor terá apreendido o conteúdo do texto” (COSSON, 2014, p. 39). É necessário que nós, professores, nos atentemos a esses fatores, visto que, de acordo com o teórico Cosson, a leitura é o resultado de vários fatores:

A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (COSSON, 2014, p. 40).

Posto isto, iremos para os passos de uma sequência didática para uma leitura efetiva. Os passos do processo de leitura são divididos em três: o primeiro, chamado *antecipação*, que, segundo Cosson (2014), consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar o texto, isto é, as posturas adotadas em diferentes textos, como ler de diferentes formas um poema ou uma receita de bolo. Por exemplo, ao escolhermos a obra *Orgulho e Preconceito* em formato de HQ para a executar a proposta de letramento, os alunos terão uma postura diferente daquela que teriam se tivéssemos escolhido a obra no gênero romance.

A segunda etapa seria a *decifração*, que consiste em entrar no texto através das letras e das palavras, ou seja, o que seria facilmente identificado por um leitor maduro, que tem mais facilidade de codificação, talvez seja diferente para um leitor iniciante, já que “quanto maior é nossa familiaridade e o domínio das palavras, mais fácil é a decifração” (COSSON, 2014, p. 40). A terceira e última é a *interpretação* do texto em si, “o centro desse processamento são as inferências que levam o leitor e a entretecer as palavras com o conhecimento de mundo [...] Interpretar é dialogar com o texto como limite o contexto” (COSSON, 2014, p. 40), isto é, mais do que uma leitura, temos uma relação que envolve o autor, o texto e o leitor. Durante esses processos iniciais da leitura, o professor deve atentar-se como está sendo o

desenvolvimento dos alunos, se eles estão conseguindo efetuar todos de forma eficaz. Vamos agora para a proposta de ensino usando a obra *Orgulho e Preconceito* em HQ.

## 4.2 Proposta

O estudioso Rildo Cosson (2014) tem duas sugestões de letramento que consiste em sequências que o profissional da educação deve seguir: Uma chamada sequência básica e a outra sequência expandida. A sequência básica é formada por quatro passos, sendo eles: a motivação, introdução, leitura e interpretação. Iremos explicar como esses passos são feitos em junções da nossa proposta de letramento usando a HQ de *Orgulho e Preconceito*.

O primeiro passo, intitulado *motivação*, se dá no fato de que a leitura de qualquer texto necessita de uma preparação prévia; assim, devemos “preparar o aluno para entrar no texto. O processo inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação” (COSSON, 2014, p. 54). Este passo pode ocorrer de diversas formas, como, a título de exemplo, quando o professor procura levar uma questão relacionada ao tema do texto. Segundo Cosson (2014, p. 55), “cumprir observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir.

No caso da nossa proposta, como o texto trabalha a questão dos papéis das mulheres na sociedade e o casamento, o professor pode organizar uma roda de discussão que seja capaz de levantar questionamentos para os alunos sobre quais as mudanças que ocorreram na sociedade desde os séculos passados até a nossa época, como vestimentas, costumes, modos, etc., explicando como era a tradição antigamente. Nessa parte, o professor pode levar ilustrações dessas mudanças. No final do trabalho se encontra um anexo para auxiliar melhor. O intuito desse processo é fazer com eles reflitam e respondam sobre a temática, como um preparo para o texto que virá a seguir, a obra em si. Em suma, a motivação é a “construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema” (COSSON, 2014, p. 55).

O segundo passo, chamado *introdução*, é a apresentação do autor e da obra ou texto que será trabalhado, que embora seja uma atividade simples, requer atenção do professor, para que “a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor [...] No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor” (COSSON, 2014, p. 60). Sobre o texto escolhido, ao introduzi-lo para os

alunos, “cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha. Nessa justificativa, usualmente se evita fazer uma síntese da história pela razão óbvia de que, assim, se elimina o prazer da descoberta” (COSSON, 2014, p. 60). Diante disto, é obrigatório a introdução da obra para os alunos. Não podemos introduzir um livro para os alunos sem antes fazer uma explicação prévia, podemos falar sobre a contextualização histórica, ou seja, o período que a obra foi escrita e as condições da época, como o fato de que antigamente as mulheres não tinham direito à escrita, inclusive a própria Jane Austen, que escrevia na sala-de-estar porque não tinha um lugar próprio, ela “escondia seus manuscritos ou cobria-os com um pedaço de mata-borrão [...] Para Jane Austen, havia algo desonroso no ato de escrever *Orgulho e Preconceito*” (WOOLF, 2018, p. 98-99).

Na nossa proposta, iremos introduzir previamente sobre o romance *Orgulho e Preconceito* e a autora Jane Austen, explicando rapidamente a época que a obra foi escrita e as dificuldades daquele tempo para mulheres escritoras, já que está ligado ao texto e à evolução da mulher na sociedade. Posteriormente, iremos falar sobre as Histórias em Quadrinhos, explicar sobre as especificidades deste tipo de texto e dialogar com os alunos acerca do conhecimento deles sobre as HQs. Um texto de introdução sobre a autora e as HQs também se encontra em anexo. Assim sendo, questões como se eles já leram alguma HQ ou se eles conhecem o formato podem ser feitas, para se ter noção do nível de leitura dos alunos. Durante este processo, o professor pode apresentar a obra física/original para os alunos. Posto isto, como o texto escolhido contém diversos elementos intertextuais; a linguagem não-verbal da capa e das imagens iniciais podem despertar o interesse e a curiosidade dos alunos para introdução da obra. No entanto, este passo não deve demorar muito, já que é apenas uma introdução. Em uma aula, espera-se que seja o tempo necessário para tal atividade. Após ter explicado sobre a autora, obra e adaptação, iremos para terceira etapa: *a leitura*.

Nesta etapa, bastante importante, iremos dar início à leitura da obra. Cabe ao professor designar de qual forma será feito o processo. Pode-se iniciar uma leitura conjunta das páginas iniciais com os alunos para avaliar as primeiras impressões de leitura deles; este momento pode ser feito em silêncio e depois oralmente. Ou, se o professor preferir, o início da leitura pode ser feito em casa, individualmente pelos alunos. Ao pedir que o processo seja feito, é importante que o professor determine a duração e quantidade de páginas de cada passo. É necessário que durante este período o professor faça intervalos para acompanhar os alunos e ajudá-los em possíveis dúvidas ou mesmo na decifração do texto. Nesse momento o professor

vai identificar as dificuldades de seus alunos. Por fim, fica a critério do docente quantos intervalos deve-se ter.

Como o processo de compreensão de uma HQ é de maior facilidade e interesse dos alunos, o professor pode dividir em dois ou três intervalos. Durante estes intervalos, o docente deve dialogar com os alunos sobre a compreensão do texto que eles estão tendo. O primeiro intervalo pode ser feito após a leitura das páginas iniciais da obra, para dialogar com os alunos sobre as primeiras impressões deles e trabalhar as temáticas previstas, como as questões da mulher na Era Vitoriana. Mais adiante, na metade da obra, durante um dos intervalos, como sugestão o professor pode pedir que os alunos escrevam uma carta ou conselho amoroso para algum dos personagens da obra. Caso os alunos não tenham conhecimento prévio sobre gêneros textuais, dentre eles, a carta, o professor pode ensiná-los sobre este gênero textual específico. Fica a critério do aluno a escolha do destinatário ou pode ser previamente escolhido pelo professor.

A título de exemplo, os alunos podem escrever um conselho amoroso para ajudar Elizabeth em sua conturbada relação com Mr. Darcy, visto que eles passam boa parte da narrativa nutrindo sentimentos de desprezo um pelo outro, a partir de conclusões precipitadas. Ainda em relação a Elizabeth, vemos o pedido de casamento do Sr. Collins, que a personagem previamente nega. E se caso trabalhado em sala, pode-se abordar a questão do casamento imposto às mulheres e a questão da subversão de Elizabeth quanto aos padrões da época. Ou, ainda, os alunos podem ajudar Jane em seu relacionamento com Mr. Bingley, já que esse casal sofre alguns contrapontos durante a obra. Por fim, depois de todos fazerem esta atividade, eles podem ler em sala de aulas quais conselhos dariam para os personagens. Este é um intervalo de interação que conecta os alunos com o objeto de leitura.

Um possível outro intervalo pode ser uma atividade que o teórico Cosson intitula de júri simulado, “trata-se de escolher uma personagem da obra lida e submetê-la a julgamento por suas ações. Também pode ser um acontecimento ou o próprio livro como um todo” (COSSON, 2014, p. 132). Podemos também utilizar da expressão *anacronismo*, já que o termo se refere a ação de atribuir valores e ideias de uma de uma época a personagens e histórias de outro determinado tempo. Como é a situação da obra que trabalhamos, que se trata de um período diferente da nossa atualidade. No livro e também na HQ, nós temos Lydia, uma das irmãs Bennet que, durante a narrativa, acaba fugindo com o soldado Wickham. No contexto social da época, tal atitude do feminino era um escândalo para a reputação de uma mulher e também para o nome da família, podendo manchar o restante das

mulheres que faziam parte do núcleo familiar. Diante disto, após ser encontrada, Lydia Bennet imediatamente se casa com o senhor Wickham para tentar recuperar a honra da família. Assim sendo, o professor pode sugerir que os alunos façam um júri diante da situação de Lydia e as questões morais da época e da atualidade em relação aos padrões impostos as mulheres. Conforme sugere o estudioso aludido aqui, “O professor dividirá a turma em várias equipes, uma pra cada função do julgamento. Haverá, assim, a equipe do promotor, a equipe da defesa, a equipe dos jurados, a equipe da assistência” (COSSON, 2014, p. 132). E, assim, acontece o julgamento da irmã Bennet. O professor deve ajudar a conduzir o debate para que não se fuja do tema ou que se tenham resultados insatisfatórios.

Em suma, como a HQ tem apenas 140 páginas, a leitura não deve demorar muito, dependendo do nível de leitura dos alunos. Com isso, finalizamos a leitura. Após finalizada, iremos para o último passo.

O último passo, chamado *interpretação*, consiste nas impressões de leitura dos alunos, ou seja, a importância do alunado registrar o que foi lido e refletir sobre a obra e a temática abordada. Posto isto, podemos fazer as impressões de leitura em sala de aula num diálogo com os alunos sobre a opinião deles. Assim sendo, após este momento, o professor pode solicitar que os alunos produzam um texto apresentando as interpretações que eles tiveram da obra, isto é, os resultados de suas leituras em forma de resenha. Este passo pode ser realizado de diferentes maneiras, como, por exemplo, o professor juntamente com os alunos podem organizar uma oficina acerca da temática estudada com exposições de trabalhos dos alunos, ou pode-se fazer seminários. Uma proposta que também pode ser usada é a oficina mudando a história, momento em que o alunado pode reescrever o enredo da obra, como vemos o exemplo dado: “outra forma interessante de mudar o enredo consiste em continuar a história a partir do ponto em que o autor a encerrou. Os alunos podem criar novos episódios no futuro ou no passado das personagens.” (COSSON, 2014, p. 134). A obra se encerra com Mr. Darcy pedindo Elizabeth em casamento e no epílogo vemos que eles, assim como Jane e Mr. Bingley, moram perto, nos deixando os seguintes possíveis questionamentos: o que teria acontecido com as outras irmãs? Ou, como seria a vida de casados dos protagonistas? Questionamentos como esses podem servir para que os alunos deem finais alternativos à obra ou adicionem informações.

Por fim, após feita a leitura da obra e as possíveis avaliações finais, “cabe ao professor aceitar como válidas as impressões de leitura dos alunos sem maiores questionamentos [...] O

objetivo maior da avaliação é engajar o estudante na leitura literária e dividir esse engajamento” (COSSON, 2014, p. 113).

Com isso, encerramos nossa proposta de letramento literário usando a HQ *Orgulho e Preconceito*. Esperamos que seja produtiva ou sirva de inspiração para todos os professores da educação básica, que constantemente se sentem frustrados com as diversas dificuldades que encontramos nesta profissão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo das muitas dificuldades que os professores enfrentam diariamente nas salas de aula e que diversas vezes o ensino da literatura é visto com certo estranhamento pelos docentes, especialmente os de Língua Inglesa, devidos a tantos empecilhos que se têm na educação básica, nós organizamos esta proposta como forma de incentivo e ajuda ao ensino de literatura; e para mostrá-los que podemos usar a literatura como forma de aprendizagem e sem torná-la necessariamente uma ferramenta pedagógica que leva aos alunos a perderem o interesse pelo universo literário.

Ademais, como vimos, as Histórias em Quadrinhos, com o passar dos anos, se tornaram um instrumento de ensino-aprendizagem de grande valia para educação e através dela nós podemos trabalhar diversos temas, visto que existem diversas adaptações e histórias originais que podem e devem ser levadas para os alunos. Ao escolhermos *Orgulho e Preconceito* como objeto de estudo, nós visamos trabalhar com os alunos uma visão feminista da obra que compreende em “pedagogias emancipatórias, que pretendem a conscientização, a libertação ou a transformação dos sujeitos e da sociedade” (LOURO, 2014, p. 118).

Em suma, ao terminar a proposta de letramento, o professor deve avaliar se as práticas e estratégias de leituras foram eficazes para os alunos; quais foram os prós e contras e o que ele pode fazer para melhorar os resultados em futuras aplicações.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Camila Borges dos. **O processo de ensino e de aprendizagem da língua inglesa sob uma ótica discursiva**. Anais VI simpósio sobre formação de professores. Santa Catarina: UNISUL, 2014. Disponível em: [http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos\\_VI%20sfp/Camila%20dos%20Anjos\\_Ingl%C3%AAs.pdf](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_VI%20sfp/Camila%20dos%20Anjos_Ingl%C3%AAs.pdf). Acesso em: 25 mai. 2020.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Trad. Marcella Furtado. São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Vol. 08: Apresentação dos temas transversais e ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 1999.
- BRASIL. **Parâmetro curriculares nacionais**. Ensino médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. **Temas contemporâneos transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Brasília: MEC/SEF, 2019.
- CIRNE, Moacy. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Funarte, 1990.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- DAY, Kelly. **Ensino de língua estrangeira no Brasil: entre a escolha obrigatória e a obrigatoriedade voluntária**. Revista Escrita, Número 15, p. 1-13. 2012. ISSN 1679-6888. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20850/20850.PDF>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- EDGINTON, Ian. **Orgulho e preconceito / Jane Austen**; adaptado da obra de Jane Austen por Ian Edginton e ilustrado por Robert Deas; traduzido por Fernando Variani e Gregório Bert. 1. ed. São Paulo: Nemo, 2016.
- FOGAÇA, Adriana. **A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes**. Revista PEC, Curitiba, v.3, n.1, p. 121-131, jul. 2002/jul. 2003. Disponível em: [https://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista\\_PEC\\_2003/2003c](https://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003c). Acesso em: 16 abr. 2020.



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Flávia Matias. **Dos PCN LE às OCEM**: o ensino de língua inglesa e as políticas linguísticas educativas brasileiras. Tema: Pesquisas em discurso pedagógico. Rio de Janeiro: PUCRio, 2015. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24801/24801.PDFXXvmi>. Acesso em: 09 abr. 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Uso das HQs no ensino**. In: RAMA, Angela, et al. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro. **A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária**. In: RAMA, Angela. et.al. (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs). **Os quadrinhos (oficialmente) na escola**: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Quadrinhos na educação. São Paulo: Contexto, 2009.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

## ANEXO A – SUGESTÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PÚBLICO ALVO: Ensino Médio

LIVRO: HQ *Orgulho e Preconceito*

OBJETIVOS:

- Inserir os alunos em uma época e cultura diferente através da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen;
- Ensiná-los sobre o período do Romantismo;
- Explicar sobre o formato de Histórias em Quadrinhos;
- Trabalhar os temas transversais e fazer com que os alunos reflitam e desenvolvam posicionamento crítico sobre o texto e aprendam sobre as diferenças e os valores ideológicos e culturais presentes, as evoluções que ocorreram na sociedade acerca do casamento, da família e das regras impostas as mulheres.

### 1. MOTIVAÇÃO (1 aula)

A motivação serve pra introduzir previamente o tema para os alunos. Como a obra *Orgulho e Preconceito* se passa no século XIX e muitas mudanças ocorreram desde então, iremos realizar um momento de conversa com os alunos e propor questionamentos que os estimule a pensarem sobre estas evoluções que ocorreram e continuam a ocorrer na sociedade. A seguir, temos algumas sugestões de questões que podem ajudar o professor a iniciar esta conversa. Em seguida, temos um exemplo de imagem que pode ser utilizada enquanto é explicado quais mudanças ocorreram a respeito das vestimentas, costumes, tradições, etc.

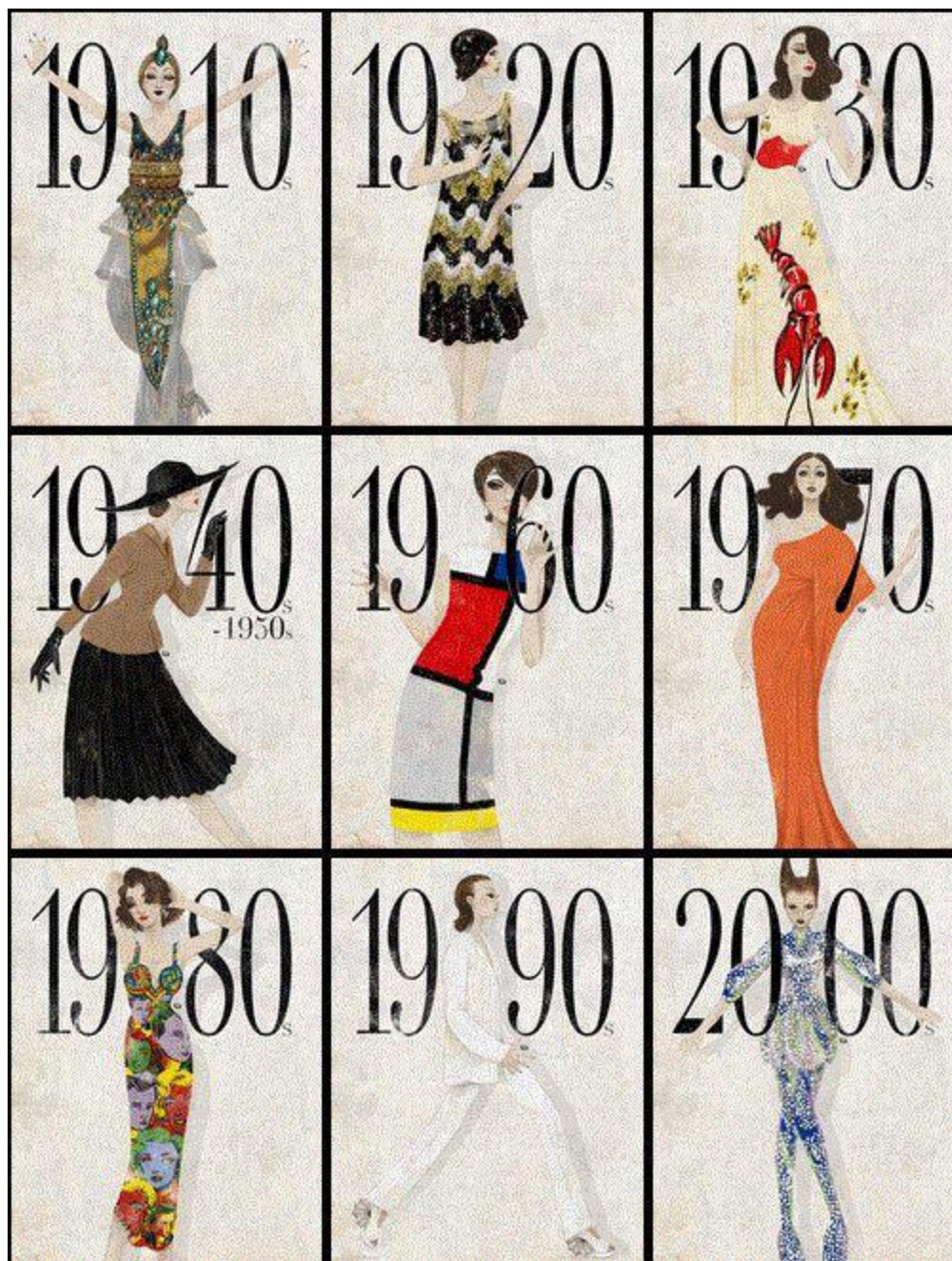
1. Séculos passados até o ano 2020: o que mudou na sociedade?
2. Como vocês acham que eram os costumes e tradições de antigamente?
3. Quais mudanças que ocorreram nas vestimentas?
4. Além das roupas, quais mudanças ocorreram na vida das mulheres durante o passar dos séculos?

Figura 2 – Moda século XIX



Fonte: Pinterest (2020)

Figura 3 – Moda século XX



Fonte: Pinterest (2020)

## 2. INTRODUÇÃO

### 2.1 APRESENTANDO A OBRA E AUTORA (1 aula)

Neste momento, iremos introduzir a obra, explicar o contexto histórico que se passa, falar brevemente sobre a autora e o período que o livro foi escrito e as implicações da época para as mulheres. A seguir, um texto que pode servir de suporte para falar da autora.

Jane Austen (1775-1817) foi uma escritora nascida numa família numerosa e de baixa nobreza em Steventon, na Inglaterra em 16 de dezembro de 1775. É considerada como uma das maiores romancistas da literatura inglesa do século XIX e escreveu clássicos como *Orgulho e Preconceito*, *Razão e Sensibilidade*, *Emma* e entre outros. Durante a adolescência, a escritora já mostrava seu talento para escrita e com apenas 17 anos escreveu sua primeira obra *Lady Susan*. Em 1797, Jane Austen já havia escrito sua obra mais famosa, *Orgulho e Preconceito*, que se tornou um clássico da literatura inglesa. A obra tem como foco principal a história de dois personagens que vencem o orgulho e preconceito, as diferenças sociais e culturais da época e desenvolvem uma relação de amor.

Fruto do período do Romantismo, podemos ver que Jane Austen relata alguns costumes da época, especialmente no que diz respeito às mulheres e à sociedade inglesa. Durante aquele período não era muito usual que uma mulher escrevesse, já que para ela estava destinado o casamento e conseqüentemente às tarefas domésticas de dona do lar e posteriormente mãe. A escritora, ainda no início da carreira, sofria para escrever suas obras e teve trabalhos rejeitados, possivelmente por ser mulher. Algumas escritoras do mesmo período e de outras épocas também usavam de pseudônimos masculinos para que suas obras fossem publicadas; um exemplo dessa atitude são as irmãs Brontë. Sendo assim, vemos Jane Austen por, de forma sutil e irônica, algumas críticas ao modelo patriarcal e costumes da época. Por ter se tornado uma das grandes romancistas de seu tempo, diversas obras da autora foram adaptadas para o cinema e para a televisão, entre elas: *Orgulho e Preconceito*, *Emma*, *Razão e Sensibilidade*, *Persuasão*.

## 2.2 RECONHECIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL SELECIONADO: HQ (1 aula)

Após feita a introdução da autora e obra, iremos explicar o gênero HQs. Este momento pode ser feito em conjunto com o anterior, caso haja tempo, mas, tendo em vista o curto período de uma aula, esta parte pode ser feita numa aula seguinte. A seguir, temos um texto resumido explicando sobre as HQs.

Histórias em Quadrinhos, ou HQs como são conhecidas, é um gênero textual em formato de publicações impressas ou digitalizadas, que narra as mais variadas histórias através de tirinhas, utilizando de linguagem verbal e não verbal, ou seja, imagens e textos. Essas histórias possuem diferentes narrativa, enredo, personagens, tempo, lugar e podem ter vários gêneros, como comédia, romance, ação, etc. Surgiu em meados de 1895 e se tornou uma febre no mundo inteiro, atraindo uma legião de fãs. Mesmo sendo um tipo de gênero textual, as Histórias em Quadrinhos são um formato maior, no qual faz parte diferentes tipos, sendo eles, as *tirinhas*: geralmente as tirinhas possuem apenas uma página constando um quadrinho pequeno e em seu conteúdo possuem um tom crítico e irônico; *cartoons*: Desenhos com características exageradas que expõem um ponto de vista de forma crítica; *mangás*: mais conhecidos como as HQs japonesas, os mangás possuem características reais e toques de exagero; *gibis*: este tipo de HQs é mais direcionado para o público infantil e juvenil, e no Brasil temos a representação da *Turma da Mônica*; *comics*: mais usados nos Estados Unidos, as comics tem um traço mais realísticos em comparação aos outros, como exemplo de comics famosas temos as histórias de super heróis; *graphic novel*: este formato é mais destinado ao público adulto e se assemelha aos romance por possuírem historias mais longas.

As Histórias em Quadrinhos possuem algumas especificidades, como, por exemplo, o formato dos balões, que representa o lugar onde a linguagem verbal é inserida e por onde ocorre a comunicação dos personagens. Existem diferentes formatos de balões e cada uma representa uma intenção diferente. Temos balões com linhas contínuas, linhas tracejadas, em formato de nuvem e com traços pontiagudos. Cada tipo retrata uma situação ou emoção diferente, vejamos os exemplos.

Figura 4 – Tipos de balões



Fonte: Google (2020)

Os balões que possuem linhas contínuas são os mais comuns e representam as falas normais. Os de linhas tracejadas são usados quando o personagem está cochichando. Os balões em formato de nuvem apontam pensamentos dos personagens e já os de traços pontiagudos representam exaltação ou gritos. Outra característica marcante das HQs são as chamadas onomatopeias, que são as palavras que tentam reproduzir os sons, como: “pow” ao haver uma explosão, “toc-toc”, som quando batemos em uma porta e vários outros. As onomatopeias são bastantes utilizadas nas HQs principalmente pra indicar ação de algum acontecimento.

### 3. LEITURA

A leitura da obra será feita em casa pelos alunos e o tempo determinado vai depender de diversos fatores, como condições de materiais e ensino, nível de leitura dos alunos, etc. Sugerimos que o professor estipule o tempo de duas semanas – um mês para essa leitura ser feita. Entre esse período ocorrerão dois intervalos.

#### 3.1 INTERVALO 1 (2 aulas)

Após ser feita a leitura de metade do livro, o professor irá analisar como anda o desenvolvimento dos alunos e ajudá-los em possíveis dúvidas. Isto feito, ele irá solicitar que cada aluno escreva uma carta de conselho para algum personagem que ele se identificou. Numa segunda aula, o docente, juntamente com os alunos, irá ler as atividades e realizar uma breve conversa sobre cada situação.

#### 3.2 INTERVALO 2 (1 aula)

Depois de feita a leitura de outra parte do texto, mais especificamente, até o momento que a irmã Lydia foge com um soldado, o professor irá organizar um julgamento desta personagem juntamente com os alunos. Para isto, organize a sala com as carteiras em círculo e oriente para que os alunos sejam separados entre júri, plateia, advogado, testemunhas. É importante que neste momento o professor conduza e explique as questões patriarcais e os

papéis impostos as mulheres da época, como, o fato de acontecer casamentos arrumados pela família.

#### 4. ATIVIDADE FINAL (1 aula)

Depois de terminar a leitura do livro, o professor irá sugerir que os alunos deem finais alternativos para a história ou continuem a partir do final do livro. Este momento pode ser lido em sala de aula posteriormente.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe Maria de Fátima, por toda sua dedicação para comigo durante esses anos e também ao meu pai José Carlos, que sempre me ajudou no que fosse necessário.

Ao meu orientador Vilian Manguiera. Agradeço-o por seu empenho, pelas leituras sugeridas ao longo dessa etapa e pela orientação deste trabalho.

Ao professor Paulo Ávila, coordenador do curso de Especialização, por seu empenho e dedicação dado a todos nós.

Aos meus colegas de turma da Especialização e a todos professores que tive o prazer de ser aluna durante este período.